

Mestres das Histórias em Quadrinhos

5

JOSÉ MENEZES

Edgard Guimarães

José Menezes nasceu no dia 6 de agosto de 1934 na cidade do Rio de Janeiro e faleceu no dia 24 de junho de 2022 em Petrópolis, onde morava desde 1976.

A trajetória de José Menezes será contada principalmente através de suas declarações em entrevistas, cartas e textos diversos que escreveu.

“Tudo começou, há muito tempo, quando meu pai colecionava os almanaques d’**O Tico-Tico**. Apesar de ser engenheiro, ele gostava e desenhava pra mim uns bichinhos (cavalos, borboletas), e eu ficava reproduzindo aquilo. Talvez por causa disso e por causa dos almanaques é que comecei a me interessar por quadrinhos. Eu devia ter na época uns 4 ou 5 anos. Aí, com o passar do tempo, quando você vai passando a conhecer as revistas e os personagens, a gente vai se entusiasmando... Depois de um tempo, passei a pedir para o meu pai comprar o **Gibi Mensal**. Mas ele dizia que, se eu passasse de ano na escola, ganhava os almanaques. Era um tal de estudar no fim de ano, dar aquela arrancada pra poder ganhar as revistas que você nem imagina! E como influência, tínhamos muito o rádio. Naquela época da 2ª Guerra, os noticiários falavam muito das notícias da Europa, os alemães invadindo países, aquela coisa toda, que mexia com nossas cabeças e que fazia com que começássemos a desenhar aviões, tanques. Tinha uma fábrica de chocolates que lançou uma série de figurinhas chamada *Asas da Vitória*, isso fazia que nós colecionássemos e ficássemos trocando, “essa eu tenho, essa eu não tenho”, e isso realmente influenciou bastante o mundo dos quadrinhos. Na escola primária, eu me destacava pelos mapas que fazia.”



“Até os 17 anos eu queria ingressar na Marinha, mas acabei entrando na Faculdade de Arquitetura, pois não passei no exame físico. Antes de ingressar na Faculdade de Arquitetura, fui estudar Belas Artes. Na faculdade, tomei contato com pessoas ligadas à União Nacional de Estudantes (UNE) e comecei a escrever artigos para jornais internos. Nesta mesma época, em 1952, comecei a escrever para o **Diário Carioca**.”

“Na verdade, comecei com quadrinhos em 1952, na revista **O Sesinho**, patrocinada pelo Sesi, onde publiquei curiosidades sobre animais.”

“Depois do **Diário Carioca**, fui para o **Diário de Notícias** e o **Correio da Manhã**. Eu paginava, escrevia e fazia ilustração, e não demorou muito para eu largar a faculdade, contra a vontade de meu pai. Quando fui trabalhar na biblioteca do Jockey Club do Rio de Janeiro, comecei a fazer contato com pessoas importantes do ramo e foi graças a este trabalho que fui chamado para **O Globo**, apesar de, já naquela época, estar interessado em trabalhar diretamente com quadrinhos.”

Como o jornal **O Globo** era proprietária da Rio Gráfica e Editora, José Menezes, que entrou para o jornal em 1960, logo passou para a editora em 1961, onde começou atuando na área de publicidade. Trabalhou nas revistas **Cinelândia**, **Aconteceu** e **Radiolândia**, ora como desenhista, ora como repórter. No mesmo ano passou a ilustrar as revistas policiais da editora, **X-9**, **Meia-Noite** e **Suspense**.

“Graças à Rio Gráfica, travei contato com vários artistas americanos conhecidos da época, como Hal Foster (*Príncipe Valente*), Milton Caniff (*Terry e os Piratas*), John Cullen Murphy (*Big Ben Bolt*) e Dan Barry (*Flash Gordon*).”

Mas bem antes disso, José Menezes já mantinha contato com artistas americanos. Em 1953, escreveu a Alex Raymond, perguntando-lhe por que ele dispensava mais cuidado com *Flash Gordon* e menos com *Jim das Selvas* e por que não havia retomado esses personagens após a guerra. Raymond respondeu suas perguntas, além de contar-lhe diversos “macetes” de como trabalhava. Menezes colecionou cartas, originais e fotografias autografadas por vários autores, como a carta enviada por Hal Foster, mostrada ao lado.

“A revista **Jim das Selvas** foi publicada pela RGE a partir de 1960. O material era fornecido pela ICA-Press, com cópias das edições da Dell Comics. Até o nº 11, a revista vinha sendo publicada com material vindo do exterior. A partir do nº 12, houve uma interrupção no contrato entre a ICA-Press e a Dell. Esse impasse já demorava além do previsto, trazendo preocupação para o editor. Numa manhã, fui procurado por Ronaldo Sampaio, encarregado das revistas policiais **X-9**, **Meia-Noite** e **Suspense**, juntamente com um dos responsáveis pela publicidade das revistas, o redator Flávio Menezes. Por essa época, em 1963, eu já havia deixado a seção de desenho e a redação, para fazer o Departamento de Arquivo Fotográfico e de Pesquisa Jornalística e a Biblioteca da empresa. A falta de material era um problema quase crônico já que, apesar dos contratos firmados, muitos heróis com popularidade entre os leitores eram subitamente interrompidos pelos fornecedores, agravando a periodicidade, daí ter a empresa, em seu grupo de desenhistas, gente capaz e pronta a fechar a lacuna e dar continuidade às publicações. Havia com *Jim das Selvas* um problema maior, já que a Dell havia suspenso a publicação nos Estados Unidos, e a maioria do que a ICA-Press possuía já havia sido publicada pela revista **O Guri**, dos Diários Associados, e não seria justo repetir edições já lançadas anos antes, o que por certo desagradaria os leitores. Como o meu estilo de desenho era variável e eu já havia comprovado isso em ilustrações de estilos diversos nas revistas policiais, Ronaldo indagou-me se eu teria condições de fazer as 32 páginas o mais rápido possível, já que o Flávio Menezes havia feito duas aventuras com roteiro seguindo o estilo das edições anteriores. O problema que eu teria de enfrentar era fazer a história seguindo o estilo do então desenhista Paul Norris, com apenas quinze dias para realizar o trabalho!...”

Jose Menezes
Rua Visconde de Santa Izabel
135 - V Izabel
Rio de Janeiro
Brazil

Dear Senor Menezes-

Thank you for your nice letter of August 29th which has been forwarded to me.

I am sorry that I do not have the complete Prince Valiant story. It has been published for the past 23 years so it is quite a long story. However, it has been put in book form and is published by Hastings House of New York. There are six books and they sell for \$2.75 each. They have been printed in Spanish and may be they can be purchased in Rio.

Sincerely,

HAL FOSTER

Harold R. Foster

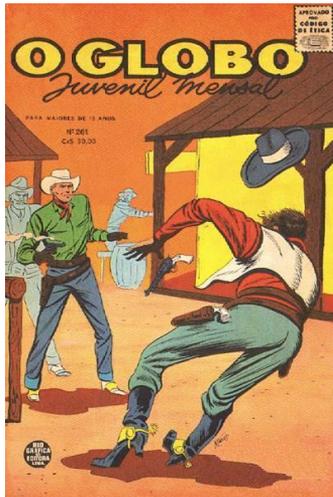
“Apesar do prazo, topei realizar a tarefa, contando apenas com a noite, quando estivesse “descansando” em casa. Graças ao meu entusiasmo pelo herói, consegui fazer a revista sozinho, excetuando a capa que quase sempre era feita pelo Walmir Amaral. Depois de algum tempo, fui abandonando o estilo do Paul Norris e acrescentando um pouco do estilo Raymond, ou seja, procurando melhorar o visual da história. Infelizmente, Flávio Menezes, após escrever o primeiro número com roteiro seu, faleceu. Isso me levou a ter que desenhar e roteirizar a história.”

“Quando recebi o “presente” de fazer o *Jim das Selvas*, não me contentei em fazer como o Alex Raymond, que focalizou mais o lado aventureiro do herói. Eu queria dar um tom de realismo na coisa e por muito tempo me correspondi com Kuala Lumpur, na Malásia, Tailândia, Filipinas, recebendo material de pesquisa sobre os costumes, dados turísticos, termos de linguagem, as imagens típicas, as formas e coisas do tipo. Procurei levar o *Jim* por toda aquela região da Malásia. Recebi muitas cartas elogiando a revista, bem como vasta e curiosa correspondência do exterior, com fotos, cartões postais, publicações turísticas sobre o Oriente. Certa vez, ao me dirigir à embaixada do Nepal, recebi, além de material turístico, um convite formal para visitar aquele país.”

“Depois de dois anos voltou a vir o material americano e eu deixei o personagem. Mas confesso que senti uma saudade imensa do herói. Para mim, foi um momento importante pelo carinho que sempre tive por este herói, cujas façanhas memoráveis sempre embalaram a minha infância. Lembro que a Ramenzoni, fábrica de chapéus de São Paulo, na década de quarenta, criou um capacete de explorador e que foi um dos presentes mais gratos que ganhei num distante Natal. Vivia encarapitado numa frondosa mangueira com uma espingardinha de rolha e o capacete na cabeça, sonhando que era o herói das selvas!...”

Uma relação de alguns trabalhos de José Menezes feitos para a Rio Gráfica, entre os que foram possíveis identificar como seus, com destaque para sua produção na revista **Jim das Selvas**.

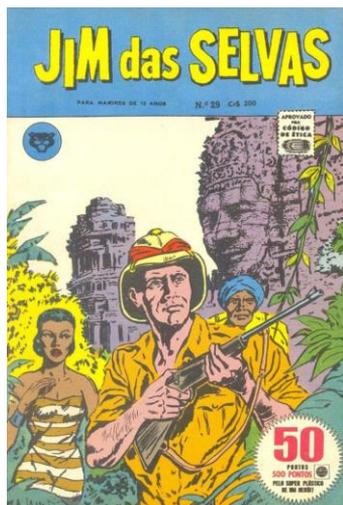
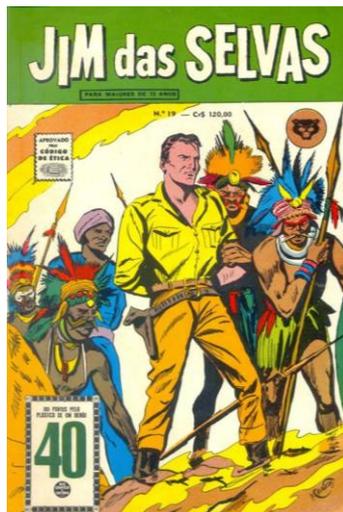
- capa – **Don Chicote** nº 93 (set/1962).
- capa – **Don Chicote** nº 94 (out/1962).
- capa – **Globo Juvenil Mensal** nº 261 (out/1962).
- capa – **Xerife** nº 8 (1962).
- *O Poço dos Crocodilos* (15p) – *des.* – **Jim das Selvas** nº 12 (1963).
- *O Tigre Devorador de Homens* (17p) – *des.* – **Jim das Selvas** nº 12 (1963).
- *Contrabando* (19p) – **Jim das Selvas** nº 15 (1964).
- *O Deus dos Semangs* (12p) – **Jim das Selvas** nº 15 (1964).



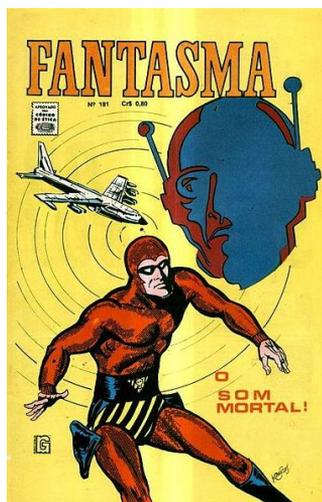
LEGENDA:

- capa* = somente a capa.
- des.* = somente o desenho.
- rot.* = somente o roteiro.
- a.final* = somente a arte-final.
- quando não há indicação, significa o trabalho completo, roteiro, desenho e arte-final.
- adapt.* = adaptação de alguma obra.
- repub.* = republicação.

- capa – **Jim das Selvas** nº 16 (1964).
- *Guerrilheiros do Seringal* (20p) – **Jim das Selvas** nº 16 (1964).
- *A Ponte dos Sacrifícios* (10p) – **Jim das Selvas** nº 16 (1964).
- *Curiosidades* (1p) – **Jim das Selvas** nº 16 (1964).
- *Uma Aventura Cinematográfica* (18p) – **Jim das Selvas** nº 17 (1965).
- *O Filho Pródigo* (12p) – **Jim das Selvas** nº 17 (1965).
- *Curiosidades* (1p) – **Jim das Selvas** nº 17 (1965).
- capa – **Jim das Selvas** nº 18 (1965).
- *O Pequeno Rajá* (18p) – **Jim das Selvas** nº 18 (1965).
- *Ladrões de Peles* (14p) – **Jim das Selvas** nº 18 (1965).
- capa – **Jim das Selvas** nº 19 (1965).
- *Uma Aventura na Nova Guiné* – **Jim das Selvas** nº 19 (1965).
- *A Enseada Negra* – **Jim das Selvas** nº 19 (1965).



- capa – **Jim das Selvas** nº 20 (1965).
- *Os Tigres de Tankarlan* (18p) – **Jim das Selvas** nº 20 (1965).
- *A Caravana Médica* (14p) – **Jim das Selvas** nº 20 (1965).
- capa – **Jim das Selvas** nº 28 (1966).
- capa – **Jim das Selvas** nº 29 (1966).
- *O Mistério das Hedras* – **Jim das Selvas** nº 29 (1966).
- *Reportagem Complicada* – **Jim das Selvas** nº 29 (1966).
- capa – **Mandrake** nº 119 (nov/1966).
- *O Mistério das Ruivas* (33p) – *adapt.* – **Mandrake** nº 119 (nov/1966).
- capa – **Robin Hood** nº 79 (dez/1966).
- *O Mensageiro* (16p) – **Robin Hood** nº 79 (dez/1966).
- capa – **Flecha Ligeira** nº 117 (mar/1968).
- capa – **Fantasma** nº 181 (ago/1971).
- *O Som Mortal* (23p) – **Fantasma** nº 181 (ago/1971).

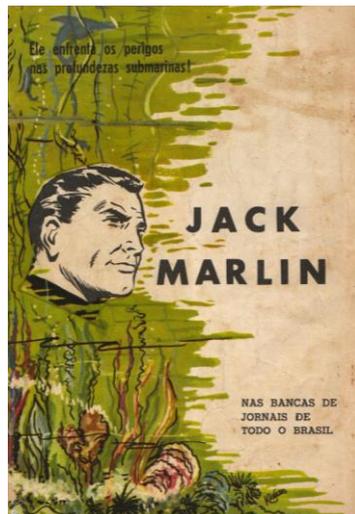


Segundo José Menezes, nessa época também colaborou com argumentos e ilustrações para as revistas **Búfalo Bill**, **Mandrake**, **Texas Kid** e **Cavaleiro Negro**.

Em matéria produzida pela ECAB em 1978, Yvonne Amorim dá a seguinte explicação: – “As revistas têm dias certos para circular e o capital empregado em publicações do gênero não comporta atrasos. Mesmo porque são aos milhares os compradores habituados a tal tipo de leitura e a aquisição de revistas, em dias certos, faz parte dos hábitos dos fregueses. Eles ficam aborrecidos se lhes falta aquilo que procuram e o editor corre o risco de ver seus leitores serem atraídos por outros personagens, dos concorrentes.”

Entre as várias atividades feitas na redação da RGE, uma era fazer ilustrações anunciando as várias revistas da editora, publicadas em página inteira, em preto e branco no miolo das revistas ou coloridas na última capa. Alguns desses anúncios feitos por José Menezes estão mostrados a seguir.





“Na RGE, devido às muitas revistas que eram editadas, era comum o trabalho aos sábados das 8 às 12 horas. O chefe do Departamento de Arte, onde trabalhei, era um português muito educado, mas rigoroso nos horários de trabalho, Armando Madeira. Quando faltavam uns vinte minutos para o meio dia, os desenhistas e paginadores começavam a guardar e arrumar as pranchetas já desejosos de ir embora. Madeira, porém, “inventava” um trabalho de última hora, o que irritava bastante os desenhistas, cansados de uma longa semana de muito trabalho. Quanto a mim, que fazia a publicidade de diversas revistas em capas das infanto-juvenis, ele sempre me pedia “uma quarta capita” bem em cima da hora. Ciente desse problema, durante a semana, entre uma ilustração e uma história, já deixava uma capa “engatilhada”, para atender ao seu pedido retardatário da saída... Remexi minha gaveta e encontrei duas quartas capas sobre heróis de faroeste. Madeira então me pediu para fazer uma “capita” de *Jack Marlin*, um herói de aventuras submarinas. Por sorte, tempos atrás, eu havia desenhado uma cena submarina com tubarões, peixes, etc, sobre o fundo do mar. Faltava, porém, a figura do herói. Remexi os papéis e havia o desenho do rosto do personagem. Peguei um pouco de cola e sobre a ilustração submarina, taquei a figura do herói. Para disfarçar a montagem, fiz em torno do pescoço umas ondas e entreguei ao Madeira... Nesse mesmo instante, Walmir, que entregava também um desenho, olhando o que eu havia feito, saiu-se com essa pérola: ‘– Ué, o *Jack Marlin* está se afogando?...’ – Acabamos todos rindo da situação.”

“Na Rio Gráfica tive a felicidade de trabalhar com o Flavio Colin, Lutz, Gutemberg Monteiro e outros grandes companheiros como Walmir, Sardella, Getúlio Delphin, Juarez Odilon.”

Em 1970, no I Congresso de HQ realizado no MASP – Museu de Arte de São Paulo, José Menezes entrevistou Lee Falk.

“O *Fantasma* foi um caso curioso. Passei a me interessar pelo herói quando trabalhava na Rio Gráfica, pois era a revista que mais vendia. Em 1970, entrevistei Lee Falk e curiosamente ele me disse que gostava mais do *Mandrake*. Na realidade, *Mandrake* era o herói que motivou o autor, jornalista e articulista de vários jornais, a enveredar no mundo dos quadrinhos. O *Fantasma*, segundo suas palavras, foi uma consequência de assistir a espetáculos circenses na juventude. Falk havia visto o show do Homem-Bala, que usava uma roupa à semelhança do *Fantasma*, com luvas, e uma parte do rosto protegida por óculos grossos. Esta foi a inspiração para criar o personagem tão famoso.”

José Menezes trabalhou como funcionário na Rio Gráfica durante 14 anos, até por volta de 1975. Ainda viria a ter uma colaboração efetiva com a Rio Gráfica no início dos anos 1980.

Ainda na década de 1960, enquanto trabalhava para a RGE, José Menezes fez alguns trabalhos para outras editoras.

“Na década de 1960, cheguei a colaborar com o Renato de Biase, então diretor do excelente **O Guri**, fazendo algumas curiosidades, tendo escrito alguns roteiros. Nessa ocasião, conheci Carlos Estêvão (*Dr. Macarra*), o grande e taciturno Péricles (*Amigo da Onça*) e Ziraldo começava a fazer sucesso com o *Pererê*. Trabalhei um pouco aprendendo paginação com Barros, chefe de **A Cigarra**.”

Em 1968, José Menezes desenhou uma série em tiras chamada *O Golpe da Dominionium* para o jornal opositor **O Paiz**. O roteiro era de Manuel Bispo, nome fictício de Otávio Malta.

“Naqueles dias, o Otávio estava sendo procurado pelas autoridades como subversivo e as tiras em que trabalhávamos faziam denúncias contra alguns fatos absurdos que eram perpetrados pelos governantes brasileiros. O caso da Dominionium foi um escândalo que levou muita gente a ficar sem um tostão! O jornal **O Paiz** foi fechado duas vezes, uma durante os anos em que Getúlio Vargas governava o país, outra justamente na minha época.”



Na redação da RGE, a produção de José Menezes relacionada aos quadrinhos sempre foi com personagens estrangeiros. Mas sempre tentou criar personagens e histórias com temas brasileiros.

“Os primeiros contatos foram um tanto frustrantes. Bem cedo fiz uma história passada no Amazonas, baseada no desaparecimento do explorador Fawcett, que me motivou a fazer umas sessenta tiras, mas ninguém quis publicar. Cheguei a criar alguns personagens meus, mas sempre encontrei uma certa resistência por parte das editoras, pois eu pegava motivos bem nacionais e sentia naquela época que as histórias nacionais não eram bem aceitas como hoje são.”

“Há tempos criei para uma editora uma história sobre a invasão holandesa, onde eu focalizava a resistência do Forte de Rio Formoso, em Olinda, em 1630, por um grupo de 13 brasileiros, durante cinco horas, frente a 300 ou mais holandeses. Os brasileiros agregavam todas as raças, negros, mulatos, portugueses, enfim, o Brasil estava representado por aqueles heróis. Quando o capitão holandês invadiu o forte e percebeu que apenas 13 homens resistiram durante cinco horas, não permitiu que a bandeira holandesa fosse hasteada antes de eles serem enterrados. Procurei, em meu argumento, ser o mais autêntico possível, inclusive estudando trajes, costumes e fatos. Para minha decepção, consideraram o assunto não comercial. Os editores não tinham interesse em publicar quadrinhos ambientados no Brasil.”



“O argumento de histórias brasileiras ainda é um problema difícil e isso nos leva à opção de ter que desenhar coisas semelhantes aos enlatados tradicionais, exatamente porque o nosso leitor, que durante anos e anos foi habituado a ler e ver as escolas de heróis de fora, não aceita de pronto uma ideia oposta ao tradicional. Seria bom que o leitor aceitasse melhor as nossas lendas e o nosso folclore, tão ricos e importantes.”

Apesar da resistência das editoras, havia algumas oportunidades para tratar de temas nacionais. Para o governo da Guanabara (nome, na época, do estado em que ficava a capital, Rio de Janeiro), José Menezes fez alguns trabalhos, incluindo uma história sobre um tema profundamente humano: as favelas.

Assim que deixou de ser funcionário da Rio Gráfica e Editora, José Menezes passou a colaborar com várias editoras. Com a editora Vozes, além de ser colaborador da **Revista de Cultura Vozes**, fez para a editora, em 1975, um álbum de quadrinhos, **São Francisco de Assis**, com roteiro de Rose Marie Muraro e Frei Ildefonso Silveira. Este álbum teve pelo menos 5 edições.

José Menezes teve uma importante participação nas edições da Ebal. Em 1973, para comemorar o centenário de nascimento de Santos Dumont, a Ebal lançou a edição **Dos Balões de Santos Dumont à Viagem à Lua**. Essa edição aproveitou a maior parte da história feita por José

Geraldo para o 20º volume da coleção *Grandes Figuras*, **Santos Dumont – O Pai da Aviação**, publicado em janeiro de 1961. Mas a parte final foi substituída por uma história de 7 páginas intitulada *O Mais Pesado que o Ar*, sem créditos, mas com o estilo de desenho de José Menezes.

“Apesar de nem sempre concordar com Adolfo Aizen, na Ebal fiz alguns trabalhos como **Dona Beija**, **Quem Foi?** e **Kung Fu**, diversos números assinando com o pseudônimo de Joe Sezenem para parecer desenhista estrangeiro a pedido do Aizen, que achava que os leitores gostavam mais do que vinha de fora.”

“Nos anos 1970 estava passando na TV o seriado **Kung Fu**, com David Carradine. Então a Ebal, aproveitando o nome e o sucesso do seriado, comprou os direitos e lançou em 1974 uma revista com esse nome por aqui. Eram heróis de artes marciais que nada tinham a ver com o herói da série de TV, e cujos direitos foram pouco depois adquiridos pela Bloch Editores.”

“Diante do impasse, Aizen convoca o roteirista Hélio do Soveral, experiente produtor de livros e novelas, além dos desenhistas Orestes de Oliveira, Márcio Costa e este que lhe escreve, formando um grupo para continuar a revista. Só tínhamos que fazer o personagem com a mesma roupa que já aparecia antes nas revistas, mas com a cara de David Carradine. Fica estabelecido que o grupo adotaria nomes fictícios como Ell Sov (Soveral), Joe Sezenem (Menezes), John Setsero (Orestes) e Mark Walker (Márcio). Durante meses o esquema funcionou e a revista alcançou tão boa vendagem que Aizen achou por bem “dar nome aos fatos” mostrando quem produzia a revista.”



A partir do nº 6 de **Kung Fu**, as histórias passaram a ser produzidas pela equipe de autores brasileiros usando pseudônimos. No nº 12, houve a revelação de que os autores eram brasileiros, com as biografias de Hélio do Soveral e José Menezes. Segundo Menezes, a partir daí as vendas caíram e a Ebal passou a comprar material estrangeiro para suprir a revista. Mas não foi tão imediato assim. A produção nacional esteve presente até o nº 27, de novembro de 1976. A partir daí a Ebal passou a publicar séries espanholas, provavelmente pelo custo menor.

José Menezes ainda fez mais um trabalho para a Ebal, em parceria com Orestes de Oliveira Filho. Foi o álbum **Dona Beija – A Feiticeira de Araxá**, edição extra de **Cinemin**, lançado em 1979.

Em 1979, José Menezes participou da festa dos 45 anos de lançamento do **Suplemento Juvenil**. Na foto a seguir, a reunião de vários autores de destaque dos quadrinhos brasileiros.



Da esquerda para a direita, em pé: José Menezes, Murilo Palhares Carvalhaes, Hélio do Soveral, Ivan Wash Rodrigues, Manoel Schwartz, Jayme Cortez, Eduardo Barbosa, Floriano Hermeto, Aylton Thomas, Maurício de Sousa, Álvaro de Moya, Gedeone Malagola, Álvaro Cotrim (Álvarus), Antônio Francisco Vieira, Wagner Augusto.
Sentados: Arcindo Madeira, Reinaldo de Oliveira, Adolfo Aizen.

A seguir uma lista dos trabalhos de José Menezes para a Ebal. Menezes disse que colaborou com a revista **Quem Foi?**, mas não foi possível identificar este trabalho na revista.

- *Os Novos Samurais* (32p) – a.final – **Kung Fu** nº 8 (abr/1975).
- *Sabotagem em Pequim* (32p) – des. – **Kung Fu** nº 12 (ago/1975).
- *Contrabando em Hong Kong* (32p) – des. – **Kung Fu** nº 14 (out/1975).
- *O Cais dos Ratos* (32p) – des. – **Kung Fu** nº 16 (dez/1975).
- *O Herdeiro dos Thugs* (37p) – des. – **Kung Fu** nº 18 (fev/1976).
- *O Sheik Negro* (26p) – des. – **Kung Fu** nº 19 (mar/1976).
- *Soldados da Fortuna* (35p) – des. – **Kung Fu** nº 20 (abr/1976).
- *Aventura em Chipre* (35p) – des. – **Kung Fu** nº 22 (jun/1976).
- *Piratas do Mar Egeu* (32p) – des. – **Kung Fu** nº 24 (ago/1976).
- *Dona Beija – Feiticeira do Araxá* (32p) – des. – **Dona Beija** – Edição Extra Cinemin (1979).

KUNG FU

SABOTAGEM EM PEQUIM



História de Hélio Sobral.
Desenhos de José Menezes



Por volta de 1976, José Menezes colaborou com a ECAB – Editora Carneiro Bastos, que tentava fazer uma agência distribuidora de material para os jornais. Menezes deu um depoimento sobre essa fase para José Salles, que reproduzo a seguir.

“Algum tempo depois da RGE ter desativado o estúdio de produção de revistas em Quadrinhos, Menezes viu um anúncio de jornal procurando por desenhistas de HQs. Ele foi até o endereço e se tratava da Editora Carneiro Bastos (ECAB), então dirigida pela senhora Yvonne Amorim, que disse ao Menezes estar precisando de histórias de aventuras para serem publicadas no formato de tira de jornal. Menezes então lembrou-se que havia várias HQs do *Flecha Ligeira* e do *Jim das Selvas* feitas para a RGE e que não haviam sido utilizadas. Então ele adaptou aquelas histórias, originalmente feitas para o formato de comics, para o de tiras de jornal. Também os personagens deveriam ser modificados, por conta dos problemas de direitos autorais. Menezes então colocou um bigode no *Jim das Selvas* e, lembrando de um personagem de Rudyard Kipling, rebatizou-o de *Kim Kolu* também mudou de nome para *Janu*. Já o *Flecha Ligeira*, além de ser rebatizado como *Águia Branca*, teve alguns retoques no visual, menos tatuagens e enfeites, e roupa mais simples. *Kim* e *Águia Branca* acabaram sendo publicados em diversos jornais de várias cidades de norte a sul do Brasil, com boa aceitação dos leitores.”

ÁGUA BRANCA



Segundo Menezes, essa adaptação de histórias, feitas por ele, de personagens estrangeiros, e não utilizadas pela RGE devido ao cancelamento das revistas (e cujos originais lhe foram devolvidos), foi feita com a ciência da ECAB. Uma curiosidade lembrada por Menezes é que a modificação que fez em *Kim* para diferenciá-lo de *Jim das Selvas* (acrescentar um bigodinho) foi a mesma feita em *Congo Bill*, personagem à imagem de *Jim das Selvas*, publicado em **O Lobinho**. As tiras de *Kim* e *Águia Branca* saíram em jornais do interior como **Diário de Borborema** e **A Gazeta do Norte**, por um período de um ano e meio. Sobre a ECAB, Menezes fez o seguinte comentário.

“A Carneiro Bastos nos dá uma participação na base de percentual fixado em contrato, por cada venda de nossa produção, em relação às vendas para jornais e revistas do Brasil, com opção para o exterior. Isso é muito bom porque essa editora, lutando tremendamente há vários anos, está, aos poucos, vencendo a resistência das empresas jornalísticas, já tendo aberto brechas no exterior.”

Em novembro de 1978, a ECAB encomendou a José Menezes uma história sobre Jesus Cristo. Menezes criou, em 25 tiras, a série *Os Que Viram Jesus Nascer*, publicada em jornais como **Diário do ABC** e **Diário de Borborema**. Ainda para a ECAB, Menezes fez muitos outros trabalhos como atividades, passatempos, curiosidades, charadas, num caderno de jornal chamado **Divertilândia**.



Em 1977, a editora Vecchi iniciou sua linha de quadrinhos de terror, inicialmente com material importado, depois substituindo por material nacional, tanto republicação de histórias antigas como a produção de novas histórias, com a revelação de novos autores.

“Estive algum tempo trabalhando com o gênero Terror na Vecchi, colaborando na revista **Spektro**, um marco, sem dúvida, e que, anexo, envio cópia de uma bela história de Hélio do Soveral e que illustrei. Hélio do Soveral, assim como o companheiro Rubens Lucchetti, produziram dezenas de roteiros e contos nesse gênero, em livros de bolso, argumentos para cinema e revistas. Hélio do Soveral teve uma marca excepcional, produzindo por 18 anos o **Teatro de Mistério** da Rádio Nacional! No tempo da revista **Spektro**, tive a oportunidade de trabalhar com o Octacílio (OTA) e companheiros com muito talento como Ofeliano e outros, que iríamos nos encontrar na Bloch, na série de Terror dirigida por Edmundo Rodrigues.”

Só consegui localizar uma história desenhada por José Menezes para as revistas de terror da editora Vecchi. É *A Roupas do Mendigo*, história de 14 páginas com roteiro de Hélio do Soveral, publicada em **Almanaque Sobrenatural** nº 1 (dez/1979).

Não propriamente para a Vecchi, mas para uma subsidiária sua, a editora Mundo Latino, José Menezes também colaborou. A Mundo Latino dedicava-se a publicar material erótico, com destaque para a revista masculina **Close**. Tentou lançar uma linha de revistas eróticas de quadrinhos, num formato semelhante à **Sexyman** da editora Noblet. Lançou 3 ou 4 títulos que só duraram um número cada. José Menezes, com o pseudônimo Sezenem, desenhou *O Elixir da Virilidade*, de 90 páginas, para a revista **Shodan** nº 1 (abr/1982).

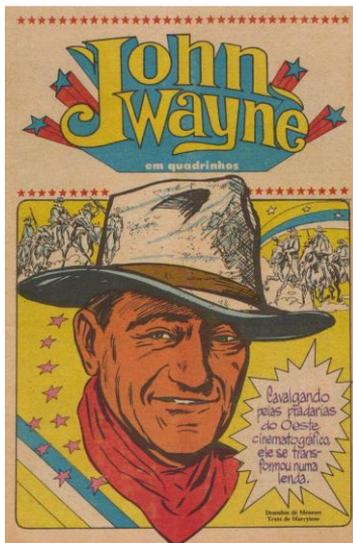


No final da década de 1970, José Menezes passou a colaborar com ilustrações de livros didáticos para a Bloch Educação, um ramo da Bloch Editores. Daí foi um passo para participar das revistas de terror que eram publicadas na época. Em 1977, a Bloch lançou uma linha de revistas de terror com material importado, principalmente da Marvel, com personagens clássicos, como *Drácula*, *Lobisomem*, *Múmia*, *Frankenstein*, entre outros. Depois de alguns números, por algum motivo, a Bloch deixou de receber o material importado. O editor Edmundo Rodrigues decidiu continuar os títulos produzindo novo material a cargo de autores nacionais. Flavio Colin assumiu a revista **Lobisomem**, Shimamoto, a **Múmia**, e José Menezes ficou com a **Frankenstein**.

Além dos títulos de terror, José Menezes produziu também duas biografias quadrinizadas, sobre John Wayne e Elvis Presley (nesta em parceria com Mário Lima). Mais tarde, no começo da década de 1980, José Menezes teve uma colaboração ainda mais intensa com a Bloch Editores.

A seguir a lista de publicações da Bloch Editores de que José Menezes participou nessa primeira fase.

- *Elvis Presley* (31p) – des. – **Bloquinho Extra** nº 4 (1977).
- *A Volta de Frankenstein* (32p) – des. – **Frankenstein** nº 9 (1978).
- *Frankenstein Enfrenta o Lobisomem* (16p) – des. – **Frankenstein** nº 10 (1978).
- *Escravas de Gora* (16p) – des. – **Frankenstein** nº 11 (1978).
- *O Usurpador* (16p) – des. – **Frankenstein** nº 11 (1978).
- *O Estranho William Wilson* (7p) – adapt. – **Aventuras Macabras** nº 12 (1978).
- *John Wayne* (30p) – des. – **Bloquinho Extra** nº 10 (1979).



Em 1980, José Menezes voltou a colaborar com a RGE, escrevendo histórias para o *Fantasma*, no início para Almanques de 100 páginas e depois para os Superalmanques de mais de 120 páginas. Alguns poucos roteiros não foram escritos por Menezes. A editora não dava o crédito aos autores, mas as histórias escritas por Menezes tinham na primeira página, no código da história, as iniciais JM.

“Nos anos 1980, atendendo a constante procura dos leitores, a Rio Gráfica criou um grupo para produzir Almanques do *Fantasma*, herói cujas tiragens variavam em mais de 250.000 exemplares mensais. Walmir Amaral, Milton Sardella, Adauto Silva, Wanderley Mayhé e Júlio Shimamoto compunham o corpo de desenhistas, ficando para mim a produção dos roteiros. O Superalmanaque tinha 120 páginas e permaneceu por mais de dois anos no mercado, até a transformação em editora Globo. Durante esse tempo o público prestigiou a publicação até o final.”

“Realmente foi um momento muito bom aquele do Superalmanaque do *Fantasma*. Fazia uma média de argumentos de cerca de 120 páginas por número, duas histórias de 60 páginas ou 4 de 30 páginas. Era uma loucura de inventar histórias, mas aguçou muito a minha inventiva.”

José Menezes conta que alguns argumentos seus, não utilizados pela RGE, foram por ela vendidos aos Estados Unidos e desenhados em páginas dominicais do *Fantasma* por André LeBlanc.

A seguir a lista das histórias de *Fantasma* escritas por Menezes, que foi possível identificar. A lista é aberta por uma história sobre o tema futebol, feita para comemorar o Tricampeonato ganho pelo Flamengo em 1980.

- *O Primeiro Tri do Flamengo* (10p) – **Almanaque do Dico** nº 1 (jul/1980).
- *Operação Brasil* (91p) – rot. – **Almanaque do Fantasma** nº 10 (nov/1980).
- *Revolta na Selva* (46p) – rot. – **Almanaque do Fantasma** nº 11 (jan/1981).
- *Rebelião na Jordânia* (43p) – rot. – **Almanaque do Fantasma** nº 11 (jan/1981).
- *O Tirano do Deserto* (47p) – rot. – **Almanaque do Fantasma** nº 12 (abr/1981).
- *Uma Aventura Cinematográfica* (43p) – rot. – **Almanaque do Fantasma** nº 12 (abr/1981).
- *O Grande Campeão* (57p) – rot. – **Almanaque do Fantasma** nº 13 (jun/1981).
- *O Tesouro dos Zandus* (31p) – rot. – **Almanaque do Fantasma** nº 13 (jun/1981).
- *Contrabando no Céu* (47p) – rot. – **Almanaque do Fantasma** nº 15 (set/1981).
- *Crime no Hipódromo* (44p) – rot. – **Almanaque do Fantasma** nº 15 (set/1981).

- *Jogo da Morte* (44p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 5 (fev/1982).
- *Os Adoradores de Kabar* (44p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 5 (fev/1982).
- *Império no Mar* (44p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 6 (abr/1982).
- *A Revelação de Marza* (46p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 6 (abr/1982).
- *Missão em Ranwak* (31p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 6 (abr/1982).
- *O Atentado* (47p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 7 (jun/1982).
- *Um Homem Marcado* (43p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 7 (jun/1982).
- *Os Falsários do Rio* (28p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 7 (jun/1982).
- *Os Rubis de Shankar* (29p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 8 (ago/1982).
- *Os Monstros de Zhur* (47p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 8 (ago/1982).
- *A Flor do Mal* (43p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 8 (ago/1982).
- *A Quadrilha do Petróleo* (90p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 9 (out/1982).
- *O Roubo dos Diamantes* (31p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 9 (out/1982).
- *Os Mercadores do Mal* (32p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 10 (dez/1982).
- *Um Rapto Misterioso* (47p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 10 (dez/1982).
- *O Ídolo dos Kassai* (43p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 10 (dez/1982).
- *Descoberta Fatal* (41p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 11 (mar/1983).
- *O Falso Presidente* (45p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 11 (mar/1983).
- *A Quadrilha do Cais* (35p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 11 (mar/1983).
- *A Máscara de Anúbis* (43p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 12 (mai/1983).
- *Traição em Kangula* (42p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 12 (mai/1983).
- *Os Salteadores de Trizak* (32p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 12 (mai/1983).
- *O Enigma de Kronos* (48p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 13 (jul/1983).
- *Retorno da Morte* (34p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 13 (jul/1983).
- *Aventura no Circo* (40p) – rot. – **Superalmanaque Fantasma** nº 13 (jul/1983).
- *A Revanche de Ogano* (45p) – rot. – **Almanaque do Fantasma** nº 16 (ago/1983).
- *As Cartas da Morte* (45p) – rot. – **Almanaque do Fantasma** nº 16 (ago/1983).
- *O Vale Proibido* (59p) – rot. – **Almanaque do Fantasma** nº 30 (jun/1986).

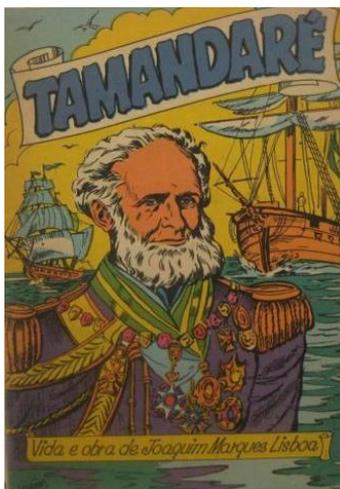
A partir de 1982, José Menezes voltou a colaborar com a Bloch Editores, primeiramente com roteiros para **Spectreman**, e depois com HQs para as novas revistas de terror da editora.

“Edmundo soube, com a experiência que já tinha em participar nas editoras paulistanas com o gênero, criar novos títulos como **Histórias Reais de Drácula**, lendas brasileiras, fatos históricos e criação de diversos novos personagens terríficos como *Homem-Cobra* e *Caminhoneiro Fantasma*, além de trazer novos desenhistas como Homobono, Alan Alex, Nonatto, Gaú e muitos outros.”

A seguir uma lista dos trabalhos de José Menezes para essa nova fase na Bloch.

- *O Mistério Submarino* (20p) – rot. – **Spectreman** nº 26 (1982).
- *A Revolta do Robô* (14p) – rot. – **Spectreman** nº 26 (1982).
- *O Monstro de Yuri* (10p) – rot. – **Spectreman** nº 26 (1982).
- *O Meteoro do Tempo* (31p) – rot. – **Spectreman** nº 27 (1982).
- *Viagem ao Amanhã* (14p) – rot. – **Spectreman** nº 27 (1982).
- *O Fugitivo* (13p) – rot. – **Spectreman** nº 27 (1982).
- *O Enigma de Atlântida* (20p) – rot. – **Spectreman** nº 28 (1982).
- *Fliperama Infernal* (12p) – rot. – **Spectreman** nº 28 (1982).
- *A Revolta Vegetal* (12p) – rot. – **Spectreman** nº 28 (1982).
- *O Captor de Almas* (19p) – rot. – **Spectreman** nº 29 (1982).
- *A Ameaça Biológica* (16p) – rot. – **Spectreman** nº 29 (1982).
- *Os Mutantes* (11p) – rot. – **Spectreman** nº 29 (1982).

- *A Ilha dos Mortos* (18p) – **Almanaque Histórias Reais de Drácula** nº 1 (1987).
- *O Médico Vampiro* (15p) – **Almanaque Histórias Reais de Drácula** nº 2 (1987).
- *O Leão de Jade* (9p) – **Clássicos das Artes Marciais** nº 1 (1987).
- *Yakim – O Rei do Nunchaku* (15p) – **Clássicos das Artes Marciais** nº 1 (1987).
- *Yakim – A Seita da Serpente Negra* (12p) – **Clássicos das Artes Marciais** nº 1 (1987).
- *O Velho da Montanha* (6p) – **Clássicos das Artes Marciais** nº 2 (1987).
- *Yakim – O Coiote Sagrado* (13p) – **Clássicos das Artes Marciais** nº 2 (1987).
- *Bonzo Secreto – O Rapto* (8p) – **Clássicos das Artes Marciais** nº 3 (1987).
- *Tamandaré – Vida e Obra de Joaquim Marques Lisboa* (31p) – **Tamandaré** (1987).
- *Drácula – O Incendiário de Baltimore* (12p) – **Histórias Reais de Drácula** nº 10 (1988).
- *Jovem Lobisomem – Ira Sanguinária* (12p) – **Histórias Reais de Lobisomem** nº 8 (1988).
- *Tubarões* (1p) – **Histórias Reais de Lobisomem** nº 8 (1988).
- *A Besta de 5 Dedos* (12p) – **Histórias Reais de Lobisomem** nº 8 (1988).
- *As Sacerdotisas de Kawanga* (15p) – **Almanaque Histórias Reais de Drácula** nº 3 (1988).
- *O Amanhã Será a Glória* (10p) – **Clássicos das Artes Marciais** nº 4 (1988).
- *Bonzo Secreto – Vingança!* (8p) – **Clássicos das Artes Marciais** nº 5 (1988).
- *Yakim – O Perigo no Deserto* (12p) – **Clássicos das Artes Marciais** nº 5 (1988).
- *Valentia de Ninja* (8p) – **Clássicos das Artes Marciais** nº 6 (1988).
- *Drácula – A Máscara de Tan-Kar-Lan* (14p) – **Histórias Reais de Drácula** nº 14 (1989).
- *Drácula X Mestre Kim* (10p) – *rot.* – **Histórias Reais de Drácula** nº 15 (1989).
- *Drácula – A Volta do Vampiro* (12p) – **Histórias Reais de Drácula** nº 16 (1989).
- *A Favorita* (3p) – **Histórias Reais de Drácula** nº 16 (1989).
- *Jovem Lobisomem – A Vingança do Monstro* (12p) – **Histórias Reais de Lobisomem** nº 10 (1989).
- *Jovem Lobisomem – A Ilha do Terror* (10p) – **Histórias Reais de Lobisomem** nº 11 (1989).
- *O Transformador de Corpos* (12p) – *rot.* – **Histórias Reais de Lobisomem** nº 11 (1989).
- *O Monstro da Selva* (10p) – *rot.* – **Histórias Reais de Lobisomem** nº 12 (1989).
- *Jovem Lobisomem – Tesouro do Mal* (12p) – **Histórias Reais de Lobisomem** nº 12 (1989).
- *Yakim – Abutres de Aço* (10p) – *des.* – **Clássicos das Artes Marciais** nº 7 (1989).
- *Bonzo Secreto – O Faquista de Sumatra* (11p) – *des.* – **Clássicos das Artes Marciais** nº 7 (1989).
- *Bonzo Secreto – A Vingança do Mago* (8p) – **Clássicos das Artes Marciais** nº 8 (1989).
- *Bruce Ling – O Arqueiro de Okinawa* (18p) – *rot.* – **Clássicos das Artes Marciais** nº 9 (1990).



- *A Fúria de Puma Negro* (8p) – rot. – **Mestre Kim** nº 2 (1990).
- *Bonzo Secreto – A Herança* (10p) – rot. – **Clássicos das Artes Marciais** nº 13 (1991).
- *O Fantasma de Ana* (6p) – **Drácula Especial** (1993).
- *A Voracidade do Tubarão* (1p) – repub. – **Drácula Especial** (1993).

“Essa época estava eu na Bloch, desenhando uma dezena de revistas. Uma média de quarenta páginas mensais, muitas com roteiros meus e do amigo Edmundo Rodrigues. Época em que dava minha contribuição à Bloch Educação, ilustrando livros didáticos. Tempos saudosos de muito trabalho, mas que relembro com alegria!”

“Fiz anos depois para a Bloch Editores uma versão para revista em quadrinhos de *O Caçador de Aventuras* com John Boxleiter, extraída da própria série para TV e vista na TV Manchete. O projeto porém ficou apenas no nº 0. A história se passava durante a II Guerra Mundial e semelhantemente ao *Jim das Selvas*, o cenário era a Malásia.”

A partir de 1987, José Menezes colaborou com a editora Abril fazendo roteiros para as revistas **He-Man** e **She-Ra**, desenhadas pelos artistas da casa. Também foi roteirista na revista **Jovem Radical**, tentativa da Abril de alcançar o público jovem feminino.

Com os roteiros para *He-Man* e *She-Ra*, José Menezes obteve o XII Prêmio Abril de Jornalismo na categoria *Melhor Tema de Roteiro*.

- *A Flor da Eternidade* (10p) – rot. – **He-Man** nº 17 (mai/1987).
- *O Mistério Submarino* (23p) – rot. – **He-Man** nº 17 (mai/1987).
- *O Raio Invisível* (15p) – rot. – **He-Man** nº 19 (jul/1987).
- *Os Monstros de Xarkoran* (17p) – rot. – **He-Man** nº 21 (set/1987).
- *O Visitante* (18p) – rot. – **He-Man** nº 23 (nov/1987).
- *Sementes do Perigo* (16p) – rot. – **He-Man** nº 23 (nov/1987).
- *O Desafio* (18p) – rot. – **He-Man** nº 24 (dez/1987).
- *A Traição de Kobra Khan* (15p) – rot. – **He-Man** nº 24 (dez/1987).
- *O Asteroide do Medo* (20p) – rot. – **He-Man** nº 28 (abr/1988).
- *O Rapto de Za-Grás* (15p) – rot. – **He-Man** nº 29 (mai/1988).
- *O Templo do Chacal* (18p) – rot. – **He-Man** nº 30 (jun/1988).
- *A Pérola Negra de Zhur* (9p) – rot. – **She-Ra** nº 1 (jan/1988).
- *O Monstro Termal* (10p) – rot. – **She-Ra** nº 2 (fev/1988).
- *Um Novo Apê* (16p) – rot. – **Jovem Radical** nº 1 (jul/1988).
- *O Mistério dos Quadros* (18p) – rot. – **Jovem Radical** nº 2 (ago/1988).
- *Uma Dupla Liquidação* (14p) – rot. – **Jovem Radical** nº 2 (ago/1988).

José Menezes disse que também fez roteiros para o *Zorro*, produzido pela equipe Disney da editora Abril. Muitas histórias de *Zorro* foram produzidas no Brasil e publicadas em **Almanaque Disney**, em três edições extras e dois almanaques exclusivos do personagem. No entanto, a Abril não dava o crédito aos autores, e não foi possível identificar quais aventuras foram escritas por Menezes.

José Menezes trabalhou para muitas outras publicações e editoras. Fez desenhos de autores brasileiros para o **Jornal de Letras**, editado pela Academia Brasileira de Letras. Foi coordenador editorial da Editora Expressão e Cultura. Colaborou com a enciclopédia **Século XX – Hutchinson’s**, abordando a importância e a influência dos quadrinhos em nosso tempo. Escreveu artigos sobre cinema para o jornal **Gil**. Colaborou com a revista comemorativa do centenário do Clube de Regatas Flamengo. Ilustrou livros didáticos para as editoras Vozes, Consultor, Record, etc.

Durante vários anos escreveu as colunas *Quadrinhos & Cia* e *Pesquisa & Curiosidades* para o **Tribuninha**, suplemento infanto-juvenil do jornal **Tribuna de Petrópolis**. Também escreveu um artigo sobre Primaggio Mantovi publicada em **Calafrio** nº 34 (1987) e o artigo *A Moda e os Quadrinhos* para a **Revista de Cultura Vozes** de abril de 1972.

Em julho de 2002, José Menezes participou da exposição “Seis Ilustradores – Quadrinhos e Arte Publicitária”, realizada na sede da ABI – Associação Brasileira de Imprensa. Os companheiros de exposição foram Ronaldo Graça, Nilton Ramalho, Benício, Gutemberg Monteiro e Fortunato.

Este grupo voltou a se encontrar informalmente em várias ocasiões. Em 2004, Gutemberg Monteiro, Ronaldo Graça, Benício e Menezes participaram de um almoço no Panorama Hotel. Em 2005, o encontro foi na casa de Nilton Ramalho. Em dezembro de 2005, Menezes, Ronaldo Graça, Nilton Ramalho, João Publicitário e Benício reuniram-se com Gutemberg Monteiro para comemorar seu aniversário em restaurante no Leblon.



Na foto à esquerda: José Menezes, Ronaldo Graça, Gutemberg Monteiro, Benício, João Publicitário e Nilton Ramalho, em dezembro de 2005, em restaurante no Leblon. Na foto à direita: José Menezes, em homenagem da ABI a Gutemberg, em 2012.

José Menezes participou com destaque da homenagem que a ABI fez, em junho de 2012, a Gutemberg Monteiro, organizada por Francisco Ucha. O evento teve a participação, entre outros, do Presidente da ABI, Maurício Azêdo e do ex-Ministro Bernardo Cabral. Menezes foi convidado de honra, juntamente com Walmir Amaral e Benício. As fotos são do acervo de Francisco Ucha.



Exposição de Gutemberg Monteiro na ABI, em junho de 2012. Atrás, da esquerda para a direita, Benício, Walmir Amaral, Nilton Ramalho, Francisco Ucha, José Menezes e Adail. Na frente, Gutemberg Monteiro e Arli.

No dia 20 de junho de 2013, na Casa de Cláudio de Souza, no Museu Imperial, em Petrópolis, foi proferida a palestra *Requadtros Históricos – A História dos Quadrinhos no Brasil – de Angelo Agostini à ditadura militar* pelo artista plástico e ilustrador Francisco Marques, professor e proprietário da escola de arte Graph-It. Durante o evento, foi prestada homenagem ao desenhista brasileiro José Menezes, que esteve presente, por sua contribuição não somente à área dos quadrinhos, mas à cultura brasileira como um todo.

Em novembro de 2013, Menezes participou da exposição “Mestres da Ilustração”, no Centro Cultural Raul de Leoni, em Petrópolis, juntamente com Benício, Nilton Ramalho, Mello Menezes, Walmir Amaral e Gutemberg Monteiro (homenagem póstuma).



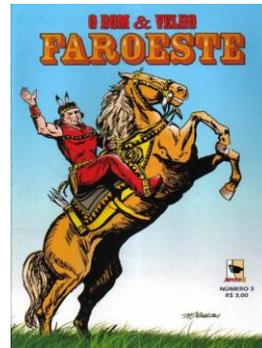
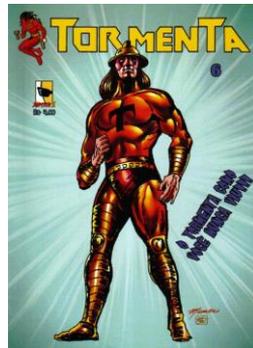
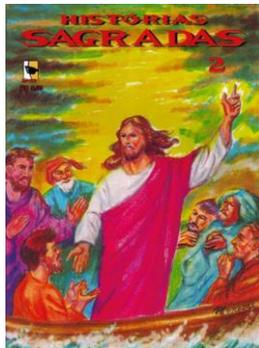
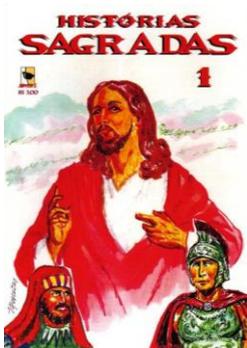
À esquerda, foto da exposição no Centro Cultural Raul de Leoni. Os dois primeiros são José Menezes e Nilton Ramalho.

Embora continuasse trabalhando para várias editoras, principalmente com ilustrações, José Menezes passou a se corresponder com editores de fanzines e a colaborar com eles, com informações, desenhos, cópias de revistas, etc. Com José Magnago, editor de **O Castelo de Recordações**, manteve intensa troca de informações, o que permitiu que Magnago editasse 5 números da **Coleção Mestres dos Quadrinhos Nacionais** dedicados a Menezes, entre 2013 e 2020. Outro editor com quem Menezes manteve colaboração constante foi com José Salles, para quem produziu uma grande quantidade de HQs inéditas, principalmente com os temas religioso e faroeste. Uma lista dessas edições está mostrada a seguir.



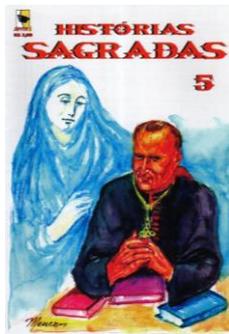
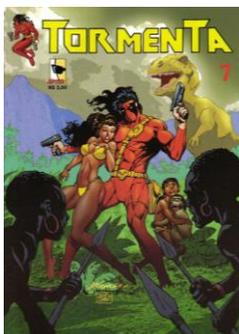
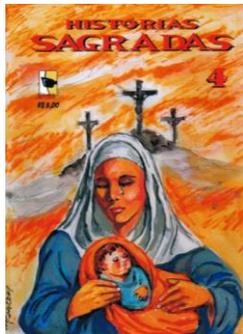
José Menezes e José Salles, em Petrópolis.

- *A Favorita* (3p) – des. – repub. – **Boca do Inferno** nº 4 (jul/2009).
 - *A Roupas do Mendigo* (14p) – des. – repub. – **Boca do Inferno** nº 5 (jan/2010).
 - *O Estrangeiro* (6p) – des. – **Boca do Inferno** nº 6 (mai/2010).
 - capa – **Histórias Sagradas** nº 1 (out/2010).
 - *O Homem Rico* (11p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 1 (out/2010).
 - *O Centurião Romano* (17p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 1 (out/2010).
 - capa – **Histórias Sagradas** nº 2 (jan/2011).
 - *O Epiléptico Endemoninhado* (5p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 2 (jan/2011).
 - *A Tempestade Acalmada* (5p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 2 (jan/2011).
 - *A Mulher Cananea* (9p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 2 (jan/2011).
 - *Multiplicação* (6p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 2 (jan/2011).
 - capa (com Adauto Silva) – **Tormenta** nº 6 (abr/2011).
 - *Tormenta – A Grande Aventura (I)* (28p) – des. – **Tormenta** nº 6 (abr/2011).
 - capa – **O Bom & Velho Faroeste** nº 3 (jun/2011).
 - *Flecha Ligeira – Um Presente para Packy* (23p) – **O Bom & Velho Faroeste** nº 3 (jun/2011)
- Nota: esta HQ foi feita em 1968 para a revista **Flecha Ligeira** da RGE, mas não foi publicada.

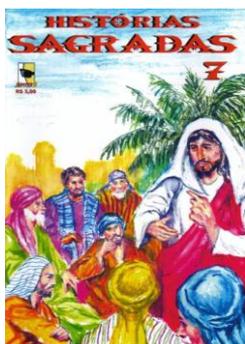
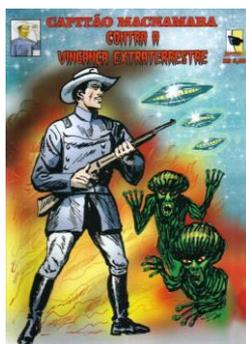
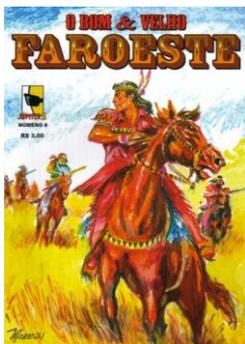


- capa – **Histórias Sagradas** nº 4 (set/2011).
- *A Profecia de Simeão* (6p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 4 (set/2011).
- *A Pregação de João Batista* (4p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 4 (set/2011).
- *Incompreensão* (8p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 4 (set/2011).
- *Jesus Contra os Fariseus* (4p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 4 (set/2011).
- *O Cego Bartimeu* (4p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 4 (set/2011).
- *A Família Universal* (2p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 4 (set/2011).
- capa (com Adauto Silva) – **Tormenta** nº 7 (fev/2012).
- contracapa – **Tormenta** nº 7 (fev/2012).
- *Tormenta – A Grande Aventura (II)* (25p) – des. – **Tormenta** nº 7 (fev/2012).
- capa – **Histórias Sagradas** nº 5 (jul/2012).
- *Perdão Incondicional* (11p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 5 (jul/2012).
- *A Devassa Arrependida* (6p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 5 (jul/2012).
- *Fé Pusilânime* (7p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 5 (jul/2012).
- *O Soldado* (4p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 5 (jul/2012).
- capa – **Histórias Sagradas** nº 6 (fev/2013).
- *A Certeza de João Batista* (5p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 6 (fev/2013).
- *O Desassossego de Herodes* (5p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 6 (fev/2013).
- *O Que Dizem de Jesus* (3p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 6 (fev/2013).

- *O Retorno Ofensivo do Espírito Impuro* (3p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 6 (fev/2013).
- *Jesus Contra os Saduceus* (3p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 6 (fev/2013).
- *A Transfiguração* (5p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 6 (fev/2013).
- *O Encontro com Nicodemos* (3p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 6 (fev/2013).

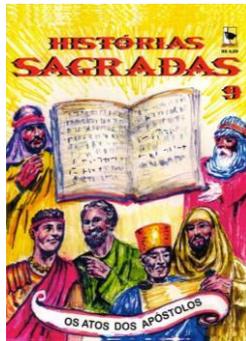
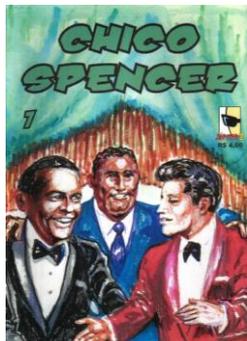
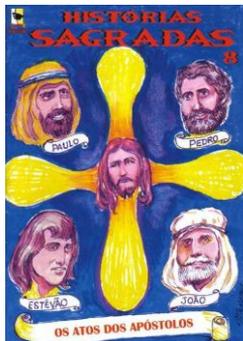


- *capa* – **O Bom & Velho Faroeste** nº 6 (mar/2013).
- *Flecha Ligeira - Os Traficantes de Armas* (23p) – des. – **O Bom & Velho Faroeste** nº 6 (mar/2013).
- *capa* – **Capitão MacNamara Contra a Vingança Extraterrestre** (jun/2013).
- *Capitão MacNamara – Vingança Extraterrestre* (40p) – des. – **Capitão MacNamara...** (jun/2013).
- *capa* – **Histórias Sagradas** nº 7 (ago/2013).
- *O Bom Samaritano* (5p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 7 (ago/2013).
- *O Juiz Iníquo e a Viúva Importuna* (3p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 7 (ago/2013).
- *O Devedor Implacável* (4p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 7 (ago/2013).
- *O Filho Pródigo* (5p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 7 (ago/2013).
- *O Homem Rico e o Pobre Lázaro* (5p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 7 (ago/2013).
- *Os Trabalhadores da Vinha* (5p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 7 (ago/2013).
- *capa* – **Chico Spencer** nº 6 (dez/2013).
- *Chico Spencer – O Eunuco Vingador* (28p) – des. – **Chico Spencer** nº 6 (dez/2013).



- *capa* – **Histórias Sagradas** nº 8 (jun/2014).
- *O Pentecostes* (5p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 8 (jun/2014).
- *O Primeiro Mártir Cristão* (6p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 8 (jun/2014).
- *Conversão em Damasco* (7p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 8 (jun/2014).
- *Missão em Chipre* (4p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 8 (jun/2014).
- *Milagres e Perseguições* (6p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 8 (jun/2014).

- *Flecha Ligeira – O Sequestro* (14p) – des. – **O Bom & Velho Faroeste** nº 9 (set/2014).
- *A Volta do Cavaleiro Negro* (14p) – **O Bom & Velho Faroeste** nº 9 (set/2014).
- *capa – Chico Spencer* nº 7 (nov/2014).
- *Chico Spencer – Laços Amarelos* (31p) – des. – **Chico Spencer** nº 7 (nov/2014).
- *capa – Histórias Sagradas* nº 9 (fev/2015).
- *A Fraude de Ananias e de Safira* (3p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 9 (fev/2015).
- *Simão, o Mago* (4p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 9 (fev/2015).
- *Filipe Batiza um Eunuco* (5p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 9 (fev/2015).
- *Pedro e o Centurião Romano* (7p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 9 (fev/2015).
- *Paulo e a Cura de um Aleijado* (3p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 9 (fev/2015).
- *Prisão de Paulo e Silas* (6p) – des. – **Histórias Sagradas** nº 9 (fev/2015).
- *Flecha Ligeira – A Testemunha* (11p) – **O Bom & Velho Faroeste** nº 11 (ago/2015).
- *Cavaleiro Negro – O Tutor* (6p) – des. – **O Bom & Velho Faroeste** nº 11 (ago/2015).
- *Flecha Ligeira – Dupla Ameaça* (5p) – des. – **O Bom & Velho Faroeste** nº 11 (ago/2015).
- *Cavaleiro Negro – O Assédio* (9p) – des. – **O Bom & Velho Faroeste** nº 11 (ago/2015).
- *capa – As Histórias Perdidas da Rio Gráfica & Editora* (jun/2017).
- *Tamandaré* (31p) – *repub.* – **Gibi do Herói Nacional** nº 6 (jan/2018).
- *Os Novos Samurais* (32p) – *a. final* – *repub.* – **Coleção Judoka e Kung Fu** nº 1 (mai/2018).
- *Bozo Secreto – A Vingança do Mago* (8p) – *repub.* – **Gibi do Herói Nacional** nº 10 (jun/2018).
- *Contrabando em Hong Kong* (32p) – des. – *repub.* – **Coleção Judoka e Kung Fu** nº 3 (set/2018).
- *O Tigre do Major* (7p) – *repub.* – **Os Aventureiros** nº 4 (abr/2019).
- *O Leão de Jade* (9p) – des. – *repub.* – **Gibi do Herói Nacional** nº 15 (mai/2019).

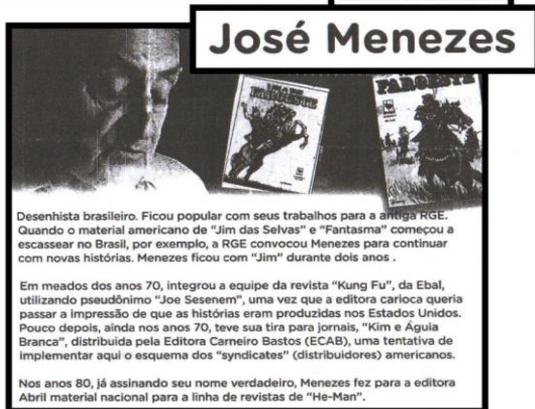


José Menezes também publicou a história *Cavaleiro Negro – O Duelista* (4p) em **Billy The Kid** nº 26 (abr/2016), editada por Arthur Filho.



Em 2018, José Menezes foi escolhido para receber o Troféu Angelo Agostini na categoria *Mestres do Quadrinho Nacional*. A entrega foi no dia 3 de fevereiro no Memorial da América Latina em São Paulo, evento promovido pela AQC – Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas.

“A Associação de Quadrinhistas de São Paulo resolveu me homenagear me dando um prêmio de “mestre”, veja que coisa! Nessa altura da vida, confesso que levei um susto quando me telefonaram comunicando a escolha. Fiquei um tanto atrapalhado em ir a São Paulo para receber o prêmio. No dia seguinte, já com passagem comprada e mala pronta, levei um trambolhão na escada de casa, batendo com a testa na parede. Minha filha me levou ao pronto-socorro, pois tinha aberto o supercílio. Depois de fazer série de exames, fui liberado, mas proibido de viajar. O Primaggio Mantovi, meu velho companheiro da Rio Gráfica, recebeu o prêmio, fazendo na ocasião um belo discurso pelos meus sessenta anos dedicados aos quadrinhos. Recebi o troféu que ele me mandou pelo correio.”



Desenhista brasileiro. Ficou popular com seus trabalhos para a amiga RGE. Quando o material americano de "Jim das Selvas" e "Fantasma" começou a escassear no Brasil, por exemplo, a RGE convocou Menezes para continuar com novas histórias. Menezes ficou com "Jim" durante dois anos .

Em meados dos anos 70, integrou a equipe da revista "Kung Fu", da Ebal, utilizando pseudônimo "Joe Sesenem", uma vez que a editora carioca queria passar a impressão de que as histórias eram produzidas nos Estados Unidos. Pouco depois, ainda nos anos 70, teve sua tira para jornais, "Kim e Águia Branca", distribuída pela Editora Carneiro Bastos (ECAB), uma tentativa de implementar aqui o esquema dos "syndicates" (distribuidores) americanos.

Nos anos 80, já assinando seu nome verdadeiro, Menezes fez para a editora Abril material nacional para a linha de revistas de "He-Man".



JOSÉ MENEZES

OPINIÕES SOBRE QUADRINHOS E AFINS

Sobre o evento promovido pela ECAD em 1978 para discutir o Quadrinho Brasileiro.

“Apesar de Márcio Sidney ter presidido o encontro de forma discreta por ser de **O Globo**, jornal que então apresentava uma página com 22 histórias americanas, tivemos a presença de Otacílio de Assunção pela Ebal, Ruy Perotti e Primaggio Mantovi pela editora Abril, além da ECAB (Carneiro Bastos), promotora do evento no MAM. Na ocasião, o representante da Ebal mostrou que a revista **Mad**, em sua versão nacional, tinha boa vendagem e aceitação usando material aqui produzido, o que levou Aizen a lançar duas outras revistas, **Plop** e **Klik**, produzida por Carlos Chagas e Cláudio Almeida, com ótimas sátiras de programas e novelas de nossa TV. Por sua vez, a editora Abril realizava um excelente trabalho ao criar o Grupo Disney, produzindo e exportando os personagens de Disney, em roteiros e desenhos inteiramente feitos aqui. A Carneiro Bastos, que investia no quadrinho brasileiro, mostrou o sucesso que vinha obtendo em jornais brasileiros com *Pluft o fantasminha* de Maria Clara Machado, os personagens de Milson Henriques e outras histórias brasileiras. A Rio Gráfica de Roberto Marinho tinha na ocasião um estúdio com mais de vinte desenhistas e roteiristas, que, apesar de produzirem heróis americanos como *Mandrake*, *Jim das Selvas*, *Fantasma* e muitos outros, realizou um trabalho muito bem aceito pelos leitores. Em minhas observações, o resultado desses encontros demonstrou que não existe incapacidade dos desenhistas nacionais e sim o desinteresse das editoras pelo nosso produto, mais a conveniência de preferirem os contratos que propiciam economia ou comissões contratuais vantajosas ao adquirirem o material do exterior. Junte-se a isso uma saturação junto ao público de material de fora, criando ao longo dos anos um “mimetismo cultural” contra o produto nacional.”

Sobre o esquema de produção de quadrinhos.

“No exterior, eles tinham roteirista, desenhista, arte-finalista, colorista e letrista. Hoje, talvez por causa do computador, esse monte de gente para fazer uma história deve ter-se reduzido, mas mesmo assim ainda é uma equipe de que nós aqui não dispomos. Os desenhistas de lá costumam utilizar-se de modelos vivos. Aqui a gente não pode arcar com esses custos. Quadrinhista brasileiro vive numa correria danada e as editoras normalmente põem os preços lá embaixo. A gente olha pro desenho que fez e nunca fica satisfeito, nunca acha bom, mas a pressão é tão grande que acabamos por entregar assim mesmo. Mas nossos artistas são tão bons que mesmo com toda essa correria conseguem fazer trabalhos de alta qualidade.”

“Já ouvi muito leitor dizer que “ah, quando o desenho é feito aqui ele é mal feito”. Pode ser, pois sempre trabalhávamos com uma pressa enorme e com isso a qualidade cai. Por exemplo, um desenhista que trabalha na Europa, tem uma história e vai apresentar à editora, ele tem pelo menos três meses de trabalho garantido e mais alguns se necessário for para completar a história, mas recebe ao fim de cada mês o percentual pelo qual foi contratado. Por aqui nós nunca tivemos essa primazia, essa facilidade. Muito pelo contrário! Você ganha pelo número de páginas que trabalha. Se faz 30, vai receber pelas 30 páginas desenhadas.”

Sobre a solução para o Quadrinho Nacional.

“Acho que seria importante a criação de um sindicato, a exemplo do que é feito na França. Ali os desenhistas revendem seus trabalhos para o Socerlit, que os distribui para toda a Europa. Se alguma história de fora é pretendida por um jornal ou revista francesa, o comprador é obrigado a adquirir um similar francês. É uma forma salutar de “dá cá e toma lá”. Ninguém fica perdendo. Ninguém fica de fora.”

Sobre personagens de quadrinhos nacionais.

“Vamos tirar como exemplo o Maurício de Sousa, desenhista da *Mônica*, *Cebolinha*, etc. Quando eu o conheci, ele era repórter policial. Mas foi quando ele lançou o *Jotalhão* e que a Cica resolveu adotá-lo como personagem do extrato de tomate, investindo um patrocínio no Maurício, é que ele pôde começar a construir o império que tem hoje. Mas ele foi um caso à parte. Se nós olharmos a quantidade imensa de desenhistas brasileiros que criaram muitos e muitos heróis e que esses heróis se perderam pelo tempo afora... você só vê hoje em dia o próprio Maurício, mas já tivemos o Primaggio, Daniel Azulay, Ziraldo com a *Turma do Pererê*. Uma série muito interessante, mas infelizmente a *Turma do Pererê* nunca emplacou como poderia ter sido, porque no meu ponto de vista havia aquela turma que torcia o nariz pro produto nacional e valorizava o material americano. Mais tarde, depois dos anos 70, que começou a fase do underground na América, é que surgiram outros nomes por aqui a seguir a mesma linha, tipo Laerte, Angeli, etc., fazendo aquela série de personagens muito bons, é que a coisa criou um campo muito bom para novos personagens. Outro nome de destaque seria o Luiz Sá, que é estudado no Japão e Europa, que por aqui criou o *Reco-Reco*, *Bolão e Azeitona*, com um estilo tão pessoal e particular. Um dos principais grupos de personagens do Brasil. Se você perguntar por aí, até mesmo no meio artístico, quem foi Luiz Sá, ninguém conhece.

Sobre o momento atual dos quadrinhos.

“Vejo de uma forma um pouco pessimista. Não que eu ache que as HQs acabaram. É que houve uma mudança muito grande nos heróis, na estrutura das HQs. Os quadrinhos começaram de uma forma de piada, nos EUA, como *Menino Amarelo* e daí para o *Gato Maluco*, *Os Sobrinhos do Capitão*, *Pafúncio*, *Pato Donald*, *Mickey* e por aí vai. A partir dos anos 1940 é que começaram a surgir os super-heróis, *Super-Homem*, *Tocha Humana*, *Batman*, *Príncipe Submarino* e tantos outros. E o que aconteceu de lá para cá? Talvez estejamos voltando ao princípio. Você hoje abre o jornal e se depara com tirinhas, piadinhas com 2, 3 quadrinhos no máximo, como era no princípio, no início das HQs e não as sequências de histórias de heróis como até há pouco tempo saíam. Os super-heróis deram lugar a tantas mutações que eles perderam suas características iniciais. E também existe uma legião de super-heróis que você até desconhece. São muitos, a gente fica perdido! E talvez por causa dessa inflação, os leitores se distanciaram dessa linha. Hoje existem dois parâmetros. Ou é a criança que gosta da linha bem infantil, que são poucas no mercado – e que também sofrem com a influência do mangá, com heróis de olhos grandes e nariz arrebitado, completamente ao contrário do que é a cultura oriental. Não sou contra esse tipo de trabalho, mas enquanto eles rebuscam os cenários fazendo-os com incrível perfeição, seus personagens são todos parecidos uns com os outros. Parece carimbo! Ou então aqueles adultos que, à caça de bons produtos, aderem às *graphic novels*, que são edições de luxo com um desenho, cor e papel mais refinados. Mas infelizmente essa linha sai muito pouco por aqui.”

Sobre a tradução dos nomes dos personagens estrangeiros.

“Conquanto no meu entender, se *Rip Kirby* foi estranhamente batizado de *Nick Holmes*, já outros tiveram melhorados seus nomes de origem, como *Brucutu*, no original *Alley Oop*, ou mesmo *Li'l Abner* por *Ferdinando* e *Pafúncio e Marocas* substituindo o difícil *Bringing Up Father* de George McManus. Em muitos casos, os direitos contratuais proporcionaram mudanças em edições tanto portuguesas como brasileiras. Assim, *Brick Bradford* era apresentado com o nome de origem nas páginas dominicais e *Dick James* nas tiras diárias. Pela mesma razão, *Batman* era publicado pela Ebal e *Morcego Negro* pelo **Globo Juvenil**. Essas modificações sempre existiram até mesmo no saudoso **Suplemento Juvenil** de Aizen e no **Gibi** e **Globo Juvenil** do Roberto Marinho, cabendo esse “batismo” a Djalma Sampaio e Wilson Drummond, redatores das publicações da Rio Gráfica.”

Sobre a adaptação de Mandrake.

“No **Almanaque do O Globo Juvenil** de 1945 foi publicado *O Mistério das Moças Ruivas* (páginas dominicais de 8/11/1942 a 28/2/1943), onde o nosso Phil Davis dá um show e que tive a trabalhosa tarefa de recriá-la no nº 119 de **Mandrake Magazine**, sob o título *O Mistério das Ruivas*. O problema de adaptar uma história original de 15 páginas para uma edição de 33 páginas é que fui obrigado a desenhar muitos quadros seguindo o estilo de Phil Davis. Graças que ninguém reclamou com os muitos quadros adicionais que foram feitos.”



Sobre Fred Harman.

“Foi ele não apenas um desenhista exemplar do Oeste com seu herói *Broncho Piller (Red Ryder)*, mas um artista voltado por retratar com fidelidade de seus desenhos, os índios, rancheiros e desbravadores, tipos e figuras do Oeste. Era comum nas edições das quintas-feiras em página dupla do **Globo Juvenil** e coloridas, num canto da página, um quadro detalhado dos índios, suas vidas, que recortávamos da revista e colávamos nas capas dos cadernos escolares!”

Sobre Gutemberg Monteiro.

“Certa vez, em meus tempos de Rio Gráfica e Editora, afirmei que o prédio da empresa, formado por colunas, deveria ter, em lugar destas, as estátuas do Gut e do Lutz, pois ambos eram e sempre serão um símbolo de vidas edificantes como pessoas e profissionais dedicados aos quadrinhos e às artes gráficas. Sem ser uma patriotada, considero Gutemberg Monteiro o grande capista do *Fantasma*, pois mesmo as capas feitas no exterior, geralmente excelentes, nunca chegaram a ter a mística que Gut soube captar em seus desenhos, retratando o herói mascarado.”

“Só tenho a dizer que Gutemberg foi amigo, companheiro e orientador de todos os desenhistas que chegavam para trabalhar na Rio Gráfica. Ele nunca se negou a nos ajudar, a dar suas sugestões nos desenhos que fazíamos.”

Sobre Júlio Shimamoto.

“Quando se criou na RGE o grupo do “Superalmanaque”, eu fiquei produzindo os roteiros do *Fantasma* por dois anos, na década de oitenta. O grupo de desenhistas era Walmir, como chefe, Milton Sardella, Wanderley Mayhé e Aduino Silva. Infelizmente Sardella veio a falecer e Shimamoto passou a colaborar no grupo. Shima era o meu preferido, foi o desenhista que melhor produziu minhas histórias. Grande parte dessas histórias seria vendida na Europa.”

Sobre Flavio Colin.

“Fui seu companheiro de prancheta na saudosa Rio Gráfica e Editora. Lembro que ele se iniciou nas páginas de **O Globo** ilustrando as crônicas de Elsie Lessa, sempre com um traço personalíssimo e marcante. Costumava vê-lo esboçar de uma forma invisível, com poucos traços. Cortava a ponta dos pincéis tornando-os pequenas trinchas criando, sem esboçar detalhes, sombras de forma extremamente rápida com perfeito domínio de luz e sombra. Para muitos, seguidor da escola de Caniff ou de Hugo Pratt, entretanto um admirador de Chester Gould em *Dick Tracy*. A publicidade o tornou mais caricato, talvez pelas imposições de tempo e espaço, estilizando seu traço, nem sempre ao gosto de alguns leitores. Um artista exemplar, um mestre completo, uma grande e inesquecível figura humana!”

Sobre Rodolfo Zalla.

“Conheci há alguns anos passados esse “gringo” que, vindo da Argentina, tanto contribuiu com a nossa arte, criando tantas oportunidades com seu estúdio e editora D-Arte. Zalla lançou sua boa revista **Calafrio**, onde tivemos tantos roteiristas quanto desenhistas brasileiros como Rubens Cordeiro, Lirio Aragão, Júlio Braz, Rodval Matias, Flavio Colin, Colonnese, Talo, Reinaldo de Oliveira. Já um tanto doente, ele mantinha a chama de esperança de dias melhores, sempre sonhando em fazer e editar novos títulos. Dono de um traço perfeito, produziu na área didática excelentes livros com ilustrações de expressiva qualidade para editoras do Rio e São Paulo. Um de seus mais recentes e primorosos trabalhos foi a quadrinização da vida do grande espírita Chico Xavier.”

“Por tudo que em vida realizou, Zalla deixa uma grande história dentro do panorama brasileiro e sul-americano, cuja perda a todos atinge!”

Sobre Jayme Cortez.

“A figura de Jayme Cortez e sua imensa contribuição ao quadrinho nacional não representa apenas o mestre que contribuiu para a formação de muitos quadrinhistas e profissionais ligados a publicidade e ao desenho em geral. Suas obras, seus livros e os muitos cartazes de cinema, obras de arte incomparáveis, representam um legado eterno para todos nós!”

Sobre Eduardo Teixeira Coelho.

“Para alguns, sempre ouvi, injustamente, que esse grande desenhista português era um imitador de Hal Foster. Na verdade, Coelho sempre ilustrou temas da fase histórica de sua terra, onde os fatos medievais, batalhas e outros aspectos de época se assemelhavam. Por terem passado em tempos medievais, atribuíram essa errônea e até maldosa observação. Teixeira Coelho foi um marco na ilustração, uma carreira brilhante, que o colocou como um dos grandes ícones dos Quadrinhos mundiais!”

Sobre Oswaldo Storni.

“Oswaldo Storni era filho do consagrado desenhista Alfredo Storni, que criou, a exemplo de George McManus, nos Estados Unidos, as trapalhadas de família do casal *Zé Macaco e Faustina*, uma sátira bem humorada de um casal brasileiro e suas confusões. Oswaldo, porém, seguiu outro caminho. Dono de um traço impecável, se projetou em belíssimas ilustrações, tanto na revista **O Malho** e no **O Tico-Tico**, no amplo domínio do bico-de-pena, que ele aplicava com maestria nas Histórias em Quadrinhos que roteirizava e ilustrava, mesclando ora um traço simples e linear com outro quadro num trabalho bico-de-pena, sem perder porém a continuidade da HQ. Suas criações de histórias tanto eram cômicas como de assuntos sérios de sua época, como os conflitos das guerras, feitas de modo expressivo, sem contudo torná-las impróprias para as crianças. Era comum ilustrar de modo jocoso, com seu traço personalíssimo, as capas dos almanaques da revista que emprestava sua extraordinária arte durante anos. Sua despedida de **O Tico-Tico** se deu em 1950, quando, desiludido com a “invasão” cada vez maior de histórias e heróis estrangeiros, abandonaria as Histórias em Quadrinhos, se dedicando então à ilustração de livros, gravura, publicidade e arquitetura, assumindo por muito tempo a chefia de arte de um dos maiores centros de produção de livros do país, a Companhia e Editora Melhoramentos de São Paulo, onde permaneceu até sua morte em 1972.”

Sobre Álvaro Aguiar.

“Conheci pessoalmente o Álvaro Aguiar. Um grande ator. Antes dele se projetar no teatro e depois no rádio e TV, era funcionário da antiga Central do Brasil. Meu pai era engenheiro e foi chefe de Álvaro Aguiar, até que ele deixou essa autarquia e foi definitivamente para o rádio e teatro.”

Sobre Primaggio Mantovi e Evaldo de Oliveira.

“Folheando as páginas de seu último **Castelo de Recordações**, vieram as lembranças de tantos companheiros me trazendo de volta aos meus tempos de Rio Gráfica, colegas como Primaggio Mantovi, que fazia com extremo carinho, pela semelhança física com seu pai, o *Rocky Lane*, sua grande paixão. O saudoso Evaldo de Oliveira, que produziu muitos números de **Flecha Ligeira**, desde a capa e o miolo, quando a revista já nem existia na América. Cheguei também a fazer alguns números desse herói, quando Evaldo teve que se dedicar à ingrata e quase impossível tarefa de “completar” o *Príncipe Valente* de Foster.”

Sobre “A Gazetinha”, Messias de Mello, ‘A Garra Cinzenta’ e Renato Silva.

“Essa grande publicação paulistana nos proporcionou conhecer a arte de Messias de Mello e, com *A Garra Cinzenta*, o trabalho de Renato Silva, que, além de um ilustrador perfeito, editou diversos livros sobre desenho e ilustração. Um mestre que deixou para os futuros desenhistas uma lição de referência, ainda hoje atuante, e perfeitos compêndios sobre anatomia, perspectiva, luz e sombra. Muitos de seus livros são difíceis de serem encontrados, com o desaparecimento da editora Conquista, do Rio, que por muitos anos publicou seus compêndios. Renato Silva, com seus ensinamentos, seu conhecimento, merece ser lembrado. Assim como Andrew Loomis, que influenciou na América dezenas de desenhistas com seus métodos e livros de desenho, Renato Silva é merecedor de referências como mestre, em nossa terra, muitas vezes injustamente esquecida de seus valores!”

Sobre a revista “O Guri”.

“**O Guri** trouxe uma série de heróis espaciais, provavelmente devido ao sucesso de *Flash Gordon*; esta boa publicação não teve o sucesso que mereceria, mas nos proporcionou em duas edições mensais, *Mary Marvel*, *Hopalong Cassidy*, *Joca Marvel* (um coelho dotado de super-poderes) e as aventuras espaciais de *Mysta*, *a Deusa da Lua*, *Futura* (John Douglas) lutando contra *Mentor*, um alienígena dominador da Terra, *Zandra* (Murphy Anderson), *Auro*, *Lord de Júpiter* (Dick Charles), *Mundo Perdido* (John Evans) e outras aventuras espaciais com desenhos de Frank Frazetta, Al Williamson e Wood. Coube ainda a **O Guri** publicar *Capitão América*, *Loura Fantasma* e a lendária *Nioka*. Para melhor ilustrar a importância de uma revista como foi, teve como diretores Austregésilo de Athayde, Nelson Rodrigues e Renato de Biase. Sempre considere **O Guri** muito superior ao **Gibi Mensal** e mesmo a fase inicial de **O Lobinho** e até mesmo páreo com **O Herói** dos anos 1940/50. Isso porque cheguei a ter a coleção quase completa dessa revista, vendida anos depois ao nosso amigo Márcio.”

Sobre o seriado de TV “Escorpião”.

“Houve uma tentativa de um super-herói na televisão, no começo da década de sessenta, com esse nome: *Escorpião*. O sucesso do *Capitão Sete*, em aventuras na TV pelo Canal 7, fez com que na TV Continental (do grupo Rubens Berardo), promovido pelo Sabonete Piex, surgisse o herói de mesmo nome, cujas aventuras estariam escritas por Péricles Leal. O personagem usava uma capa e máscara, botas e luvas nas cores amarelo e vermelho. O projeto teve artistas desconhecidos e de vida curta, pelas dificuldades que a emissora teve de levar o projeto adiante. Esse personagem tinha, no projeto, lançar em revista as aventuras vividas na TV.”



Sobre o Vingador.

“O *Capitão Atlas* e o *Vingador* foram personagens inesquecíveis em nossa adolescência. Lembro-me que para fazer parte do “Clube do Vingador”, tínhamos que mandar três fitas pretas do sabonete Palmolive. Uma vez associado, a mensalidade era mandar duas fitas, para garantir a permanência no grupo. Isso era um tormento para as mães, pois além de ter que consumir o sabonete, o rádio era monopolizado pela garotada. Além de receber um belo escudinho de metal com o *Vingador* montado no *Black*, seu fioso cavalo negro, recebíamos um boletim com as histórias, magnificamente ilustradas pelo Fernando Dias da Silva, além de ter as “senhas secretas” do herói. Essas “senhas secretas” nós decorávamos e quem não soubesse repetir a tal senha, tomava uns tapas!”

Sobre Getúlio Delphin e Juarez Odilon.

“Sempre é bom rever o trabalho de companheiros do passado como a referência no artigo sobre o *Jet Jackson* com as grandes ilustrações de capa de Jayme Cortez e das histórias aqui produzidas por Getúlio Delphin e Juarez Odilon, donos de um traço e uma grande capacidade de desenhar os heróis das décadas de 1950-60. Tanto o saudoso Juarez como Getúlio foram meus companheiros na Rio Gráfica, sempre me impressionando com um traço incomum e perfeito.”

Sobre Márcio Costa.

“Infelizmente ainda me encontro muito abalado com a morte de nosso amigo Márcio Costa. Foi uma grande e terrível perda, um doloroso golpe para mim que o conhecia desde os 16 anos, quando começou na Rio Gráfica e Editora e nos tornamos amigos, sendo eu um pouco seu orientador quando se iniciava como desenhista. Foi um profissional exemplar, arquiteto formado e atualmente publicando trabalhos em editoras na América. Foi uma grande pessoa, sempre procurando ajudar quem a ele recorria. Deixou diversos livros sobre espiritualidade, como **Cem Perguntas e Respostas sobre Mediunidade**, assinados como Márcio de Carvalho.”



Menezes, Gutemberg Monteiro e Márcio Costa.

Sobre Nick Holmes e o Superalmanaque do Gibi

“Gostei da republicação do artigo de Luiz Sampaio sobre *Rip Kirby* de Raymond. O título que serve de base à página foi uma criação minha para o **Superalmanaque do Gibi** (1964), bem como todos os títulos, na última tentativa da RGE de reviver os velhos almanaques do passado.”

“Quando Marinho adquiriu os direitos de *Rip Kirby* para **O Globo Juvenil**, o nome não foi bem recebido por alguns secretários das revistas da casa. Realmente *Rip* lembrava o nome de *Zipp – O Rei da Pista*, livro e herói publicado pela Ebal do Aizen. Vários nomes foram cogitados para substituir *Rip Kirby* e após uma relação de diversos nomes, numa consulta aos leitores, ganhou *Nick Holmes*.”



Sobre Walmir Amaral.

“Gostei bastante da edição com *Vingador*, onde vi os bons desenhos de Walmir, meu companheiro dos bons tempos da Rio Gráfica. Walmir, na verdade, como bem definiu o nosso Gedeone, foi muito superior a Fred Fredericks no desenho do *Mandrake*. O problema é que um vive nos EUA e o outro no nosso Brasil!...”

Sobre José Magnago.

“Neste mês estou muito feliz, pois recebi uma homenagem pelos meus sessenta anos fazendo quadrinhos. Estou lhe enviando o convite para a exposição que eu, Benício, Walmir, Mello Menezes, meu primo, e Nilton Ramalho estamos participando, e que representa cinquenta anos de ilustração. Fiquei com os quadrinhos, mas acho que o seu fanzine muito ajudou para ser lembrado nessa exposição. Agora, estou certo, nos meus oitenta anos, que cabe a você o começo dessas homenagens aos meus modestos trabalhos.”

Sobre a Queda dos Impérios.

“Quando Assis Chateaubriand, por doença, se afastou, os grupos familiares que constituíam os Diários Associados começaram a se digladiar para ficar no poder. A falta de visão de um grupo comandado por David Nasser e a família Witaker acabou por destruir aquele império, cujo lema era “antenas e rotativas ligando o Brasil de norte a sul”.”

“Um dos sonhos de Adolfo Bloch era rivalizar com o sucesso que **O Cruzeiro** tinha. Para isso contou muito sua amizade com Juscelino Kubitschek que se ajudaram bastante. Toda propaganda de carros era sempre um fator para grandes reportagens da Bloch, propaganda de diversas obras do governo estavam sempre inseridas nas páginas da **Manchete**. Assim, Bloch teve o favorecimento de criar um grande parque gráfico, mas que, por lutas internas também, acabou rapidamente!...”

“Você lamenta o desaparecimento da Abril, fato há muito esperado devido aos desmandos dos filhos do velho Civita, a mesma história de sempre...”

ALGUMAS DECLARAÇÕES SOBRE JOSÉ MENEZES

De Márcio Costa.

“Por falar em figura lendária, o nosso querido José Menezes andou dando susto na gente. É uma sacanagem o Menezes dar susto na gente, ele sabe que eu fico sem dormir! O bom Menezes tem uma história de vida que um dia precisa ser contada. Pouquíssimos têm uma estrada como a dele. Nos quadrinhos brasileiros, ele percorreu todos os caminhos, da editora grande (Ebal, RGE, Bloch) à pequena. Desenhou, escreveu, ilustrou pulps, trabalhou com os grandes nomes, correspondeu-se com Alex Raymond, Hal Foster, Dan Barry, John Cullen Murphy, Milton Caniff. Todos esses big-shots enviaram-lhe cartas, fotos, desenhos. Você sabia dessa? Pôrra, cada vez que o Menezes me mostra esses troços, eu entro em convulsões! Tenho cólicas hepáticas! Rolo no tapete da sala! Mordo o cachorro! Ele nem me mostra mais essas coisas, porque sabe que me faz mal à saúde!”

De Jorge Barwinkel.

“Eu sou fã do Menezes, não só porque desenha as mulheres com bundas atraentes, mas porque é bom desenhista e tem bom desempenho no *Jim das Selvas* e histórias de terror. Hoje em dia, o QE (Qualificação Emocional) é reconhecido como de mais valor do que o QI (Qualificação Intelectual), pois o indivíduo que trabalha no que gosta, com Emoção, supera tudo e o faz bem melhor do que alguém que não gosta.”

De Luiz Antônio Sampaio.

“Uma historieta brasileira que pouquíssimos leitores conhecem é *Os Que Viram Jesus Nascer*. Trata-se de uma raridade. Em novembro de 1978, a Editora Carneiro Bastos encomendou ao desenhista/escritor José Menezes uma história sobre Jesus Cristo, para ser publicada em tiras nos jornais no mês de dezembro daquele ano. Menezes criou, em 25 tiras, um relato original com uma nova visão narrativa sobre o nascimento de Jesus. O próprio Menezes afirma que foi uma história que ele idealizou na crista de muitas coisas que aconteciam à sua volta na época: repressão política, dificuldades econômicas, detenção de colegas jornalistas, etc. E é possível sentir nas entrelinhas dos textos e diálogos um clima de apreensão. Infelizmente, *Os Que Viram Jesus Nascer* é hoje um trabalho esquecido e muito pouco conhecido.”

“Nos anos 1960, a RGE publicava a revista **Jim das Selvas**. Não eram as histórias de Alex Raymond, mas material desenhado por Paul Norris especialmente para *comics*. Quando esse material americano começou a faltar, a RGE, para não atrasar a publicação de sua revista, convidou o desenhista José Menezes para produzir novas histórias aqui. Ele aceitou o desafio: o de desenhar umas 30 páginas em 15 dias, ou até menos. Seria uma sobrecarga de trabalho, mas o pagamento era bom: cinco cruzeiros a página (na época se pagava normalmente de dois a três cruzeiros). Menezes era (e ainda é) um grande admirador de Alex Raymond, mas teve que seguir os traços de Paul Norris para o seu *Jim das Selvas*. Depois acabou se livrando deles e passou a seguir a linha Raymond.”

De José Magnago.

“Pelo telefone e pelas cartas de José Menezes, comprovo que ele é muito atencioso, colaborador, incentivador, preocupado em ajudar sempre, tanto a este editor como ao Fuad Abdala, com o fanzine **A Máquina do Tempo**. Perde tempo conosco. Manda depoimentos, curiosidades, particularidades. Está sempre em contato. Sempre comenta nossos fanzines. E isso acho que acontece com os demais artistas dos quadrinhos.”

“Na adolescência, disputava avidamente os plásticos com os heróis nas revistas em quadrinhos sem saber a quem pertencia a brilhante ideia. Em carta de 20 de setembro de 2009, contendo alguns plásticos é que José Menezes esclareceu que ele foi o autor de diversas campanhas a respeito dos plásticos coloridos que guardo com tanto carinho.”



De José Salles.

“Uma curiosidade sobre aquele número 181 do **Fantasma** pela RGE. Menezes desenhou não só a capa, mas a HQ do miolo, também. A qualidade ruim desse trabalho o próprio Menezes reconhecia, mas se explica: ela foi produzida na sala de espera do hospital maternidade, onde sua esposa Míriam estava dando a luz (pela data, deve ter sido a filha Ana Lúcia, Analu)! Coisas dos tempos dos quadrinhos em “linha de produção”, com aqueles prazos quase impossíveis.”

“Eu, que desde a tenra juventude acompanho os trabalhos de José Menezes (lendo histórias em gibis onde eu nem mesmo tinha ideia de quem fosse o desenhista), agora tive a chance de trabalhar junto com ele, escrevendo alguns roteiros para que os ilustrasse, trocando ideias por carta e telefonemas. E José Menezes é exatamente o tipo de artista que faz o escritor da HQ parecer muito melhor do que de fato o é.”

A editora Skript acabou de lançar um álbum de quadrinhos com a reedição da revista **Aventuras Macabras** nº 12 (1978) da editora Bloch. Traz HQs adaptadas de Edgar Allan Poe por Flavio Colin, Júlio Shimamoto, Jordi e José Menezes.

REFERÊNCIAS

- **Coleção Mestres dos Quadrinhos Nacionais** n°s 7 a 12 (2013/2020), editada por José Magnago.
- matéria produzida em 1978 pela distribuidora ECAB, enviada por Luigi Rocco.
- entrevista feita por Fernando Marques, publicada em **Tribuninha** (2002), de Petrópolis.
- entrevista de José Menezes e Wanderley Mayhé ao site www.aldeiaplanetaria.com.br.
- matéria de Márcio Salerno publicada na **Tribuna de Petrópolis** (31/3/2002).
- matérias de Luiz Antônio Sampaio publicadas na revista **Calafrio** n°s 34, 39 e 44 (1987/1990).
- matéria publicada na revista **Billy the Kid** n° 26 (abr/2016), editada por Arthur Filho.
- matéria publicada na revista **Kung Fu** n° 12 (ago/1975) da Ebal.
- depoimento e fotos de José Menezes cedidos por José Salles.
- cartas de José Menezes publicadas no fanzine **QI** a partir de 2016.
- fotos de José Menezes cedidas por Francisco Ucha.
- fotos cedidas pela escola de arte Graph-It, de Petrópolis.
- fotos cedidas por Wagner Augusto.
- www.guiadosquadrinhos.com.
- www.guiaebal.com.

